

Performers, Spaces and Dizziness: Anthropology in the Study of LGBT's Sexualities and Cruising Spaces

Performers, Espaços e Tontura: a Antropologia nos Estudos das Sexualidades LGBT's e dos Espaços de Pegação

José Ricardo Fortes Sampaio²
Rafael Brito Pamplona³

Data de Submissão: 25 fev. 2018.

Data de Aprovação: 10 mar. 2018.

Data de Publicação: 30 jun. 2018.

ABSTRACT: This article is an initial research that arises from the involvement with the spaces occupied by sexual relations in Teresina and specifically in the analysis of a cruising spot frequented by the search for sex between men, named as dizziness and based on studies by authors like Peter Fry, Edward Macrae and Néstor Perlongher, the research seeks to reflect on how the production and reproduction of these spaces arose in Brazil and an introductory reflection on dizziness: on their production, on the individuals who compose them, on the processes, codes and an initial analysis on a series of norms that the territory can code for the consumption of the wishes of individuals. Therefore, a sensitive anthropological analysis on the history of movements and occupation of these spaces that reflect on a reflection of dizziness.

Keywords: Dizziness. Homoeroticism. Anthropology. Making Out.

RESUMO: O presente artigo é uma pesquisa inicial, que surge do envolvimento com os espaços ocupados pelas relações sexuais em Teresina, especificadamente na análise de um local de pegação frequentado por homens na busca de sexo, nomeado de Tontura. Baseado em estudos dos autores como Peter Fry, Edward Macrae e Néstor Perlongher, a pesquisa busca refletir sobre como surgiu no Brasil a produção e reprodução desses espaços e uma reflexão introdutória sobre a Tontura. Da sua produção, dos indivíduos que a compõem, dos processos, códigos e uma análise inicial sobre uma série de normas que o território pode codificar para o consumo dos desejos dos indivíduos. Portanto, uma análise antropológica sensível sobre a história dos movimentos e ocupação desses territórios que refletem em uma reflexão da Tontura.

Palavras-chaves: Tontura. Homoerotismo. Antropologia. Pegação.

INTRODUÇÃO

“Jamais interprete, experimente”
Gilles Deleuze

Teresina é a capital do Piauí, município mais populoso do estado. Estima-se que a cidade tinha aproximadamente 850,198 habitantes em 2007,

somado com o movimento gerado pelos moradores de cidades vizinhas, que transferem fluxo e incrementam no mercado de trabalho da capital. Nos últimos anos, a cidade destacou-se pelo crescimento e ascensão na oferta de alternativas ao público LGBTI+. Historicamente e inicialmente, assim como em outras capitais, a oferta para os homossexuais se resumiam no centro, em que,

1 **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

2 **E-mail principal de contato:** ricardofortessampaio@hotmail.com. Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí.

3 Bacharelado em Farmácia pelo Centro Universitário Santo Agostinho. E-mail: rbpamplona@yahoo.com.br.

apesar de ser movimentado comercialmente durante o dia, o seu isolamento a noite oferecia uma espécie de refúgio para as práticas não-heterossexuais.

Este artigo tem como objetivo principal a reflexão de um espaço de pegação – *Tontura*. Partindo da priori que não existem pensamentos dados e/ou naturalizados, mas que podem cair em discursos simplificados. Contestando, por muitas vezes, as semiologias vigentes e a relação do grupo com seus participantes. Por fim, costuro tessituras da construção de um texto antropológico, em que existam conexões entre a subjetividade/corpo do pesquisador com seu objeto de estudo e sua relação – afetar e ser afetado – com os outros participantes.

CONSIDERAMOS JUSTA TODA FORMA DE AMOR: A ANTROPOLOGIA E AS PRÁTICAS SEXUAIS HOMOERÓTICAS

Nesse desiderato, busco refletir a construção de uma antropologia preocupada em debater as sexualidades humanas, principalmente a partir dos anos 80, momento em que foram difundidos diversos textos ligados aos movimentos de identidade e sua estreita relação com a política. No Brasil, os grupos de militância adentraram os espaços e estabeleceram suas mensagens, muitas vezes apoiadas pelo conhecimento científico, instante em que pesquisadores vinculavam suas investigações as lutas sociais. Deste modo, tais referências são importantes para analisar as sexualidades e a forma como se produziu o isolamento dos ‘guetos’.

A configuração das relações sexuais que homens mantém entre os demais do mesmo gênero, depende do momento histórico em que estão localizadas e em seus devires. Dentro da homossexualidade - como identidade, podemos peregrinar por estudos que abordam essas relações como: *repulsa, crime por natureza, pecado, desvio, doença e até mesmo frescura*, o que desaguou em estigmas sociais, favorecendo assim a formação de ‘guetos’. Os primeiros estudos no Brasil surgem durante a ditadura militar, entusiasmados pelos movimentos internacionais de gênero e sexualidade dos anos de 1970. Em 1978 no Rio de Janeiro, surge o jornal ‘*O Lampion de Esquina*’ (1978 – 1981), o primeiro jornal nacional que realmente enfatizava a homossexualidade. Em São Paulo, o ‘*Grupo Somos*’ (1978) é a primeira instituição brasileira a lutar pelos direitos do que hoje chamamos de LGBTI+. Em 1982,

a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) entra em jogo e oferece apoio aos Homossexuais na luta pelos direitos de cidadania.

O estudo de Sérgio Carrara intitulado ‘*A Antropologia e o Processo de Cidadanização da Homossexualidade no Brasil*’ (2016), inclui uma reflexão entre a política, militância, o fazer antropológico e a produção do seu conhecimento. A sua trajetória como antropólogo inicia em 1980, concomitante com o surgimento dos movimentos sociais sobre as homossexualidades no Brasil. Posteriormente, e em segundo momento, o estudo aborda a entrada dos antropólogos nos movimentos. Nesse período, o autor cita a difícil entrada da ciência sociais nas lutas das identidades homossexuais, introdução que contribuiu para os impactos entre ativismo e academia. Um dos conflitos iniciais foi chamado de “racha”, negativa por parte dos militantes ao acesso dos antropólogos que não mantinham “vivência homossexual” e o fato que alguns antropólogos estavam ali para apenas “colher material”. Somado a tais tumultos, os grupos tentavam confrontar o processo de patologização da homossexualidade, momento inquietante também para a entrada das ciências psi (psicologia e psiquiatria). Contudo, este período se torna notável na proliferação dos estudos antropológicos ligados aos movimentos de afirmação das identidades homossexuais.

Todos esses conflitos fizeram com que os grupos observassem a necessidade e aperfeiçoassem publicamente uma intensa ponderação e suporte para os estudos sobre as homossexualidades. Um movimento forte difundiu-se através da pesquisa feita por Peter Fry e Edward Mac Ray e o lançamento do livro “*O que é Homossexualidade*” (1983), os dois eram antropólogos e intimamente ligados aos movimentos sociais gays da época, período em que ainda muito se discutiam sobre uma identidade homossexual, o papel da medicina na estigmatização e uma busca para os ‘desvios’ da sexualidade.

Dispostos a refletir sobre os termos e as complexidades apresentadas no Brasil sobre tais compreensões, os autores seguiram na análise do termo ‘gay’, conceito que foi socialmente construído em marcos dicotômicos, pois muitos dos discursos ainda versavam sobre a possibilidade de ‘cura’ ou de formas violentas para representar tais comportamentos.

Os estudos buscaram refletir a voz dos sujeitos ao invés de sugerir categorização, pois muitos dos que se relacionavam com outros do mesmo gênero,

não se consideravam homossexuais. Não sendo, portanto, papel das pesquisas antropológicas atribuir categorizações sem fundamentação empírica, mas se deleitar em profundas reflexões para compreender o que culturalmente poderia apontar reflexões para tais discursos. O estudo dos autores também tinha a premissa de afastar ideias da psicologia e da medicina, que mantinham, até então, discursos patológicos, e colocá-los no campo da cultura e da política.

Fry e Edward Mac Ray (1983, p. 11:12) notaram que culturalmente a sociedade tinha construídos papéis masculinos e femininos, que gerariam uma série de expectativas sociais, familiares e de performance das "masculinidades" e "feminilidades", e "qualquer "desvio " era reprimido e buscava-se recuperar o "bom comportamento", restando para os sujeitos não normatizados viver nas margens (banheiros, cinemas) ou nada.

Postergo a reflexão desse antropólogo no seu artigo intitulado "*Da hierarquia a igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*", peça que completa o livro "*Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*", publicada em 1982. Esta obra afirma que as sexualidades são "construídas historicamente".

Acreditando que os termos podiam constituir um sujeito, a classificação como homossexual era a definição (insuficiente) que configurava e rotulava sujeitos que mantinham experiências sexuais com outro do mesmo gênero. Esta terminologia era inviável para o arranjo que se pode perceber em Belém, pois a denominação "bicha", era insatisfatória para suportar as várias maneiras de compreender e perceber a sexualidade masculina no Brasil.

Os conhecimentos das sexualidades não se produzem no vazio, elas são devidamente construídas envolta de uma sociedade que encorpa forças atuantes, que podem desenhar caminhos diferentes. Acrescentado que, tais marcadores estão circunscritos em conformações que desenham realidades distintas de poder e hierarquias.

Para Fry, essas segregações ocasionariam no surgimento de quatro componentes que eram utilizados para abordar as identidades: 1) o *sexo biológico* - este retrataria a relação de "macho" e "fêmea", 2) os *papeis de gênero* - esses refletiriam diretamente nos traços de personalidade e as expectativas sociais, relacionados aos papéis masculino e feminino. 3) o *comportamento sexual* - este refletiria no comportamento sexual esperado

(ativo ou passivo). 4) *orientação sexual* - referente ao sexo biológico, mas que serviria para categorizar a orientação (homo, hetero ou bi).

Néstor Perlongher publicou sua dissertação "*O negócio de Michê*" em 1987, um ano após ter defendido junto a academia. Nesse rico estudo, o pesquisador abordou suas reflexões acerca da trama que perpassa o afeto e o erotismo entre homens no Brasil. Abarcando principalmente os processos de territorialização e desterritorialização - termos absolvidos da literatura de Deleuze e Guattari (autores que os acompanham durante toda a pesquisa). Perlongher aborda a perspectiva do desejo e de um método etnográfico para fazer uma análise dos termos que são consumidos pelos atores envolvidos, com ênfase no 'michê', termo utilizado para abordar o próprio ato da prostituição, como também de jovens que carregam a performance das "masculinidades" para a atuação e contato com os clientes. A performance estaria, em primeira instância, ligada a uma representação viril da masculinidade, mesmo que no jogo das relações este desempenho esteja sujeito a entrar em negociação.

Heilborn em "*Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social*" (1996), entra num devaneio dentro do debate das afirmações homossexuais, bifurcadas entre a construção da sociedade brasileira e o modo de vida "gay". A autora abriu caminhos para pensar os valores, hábitos e os estilos de vida que permeiam as sexualidades humanas. Nessa perspectiva, os gays, influenciados pela cultura norte-americana, exerciam novas forças sobre as discussões dos movimentos que se articulavam no Brasil. O campo de pesquisa foi delimitado em um grupo de mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres, num permear de possibilidades e de realidades distintas.

Heilborn procurou apreender como essas mulheres representavam suas vidas afetivas e sexuais. Sendo assim, tais discursos revelavam que as experiências ditas 'gays' não falariam muito sobre a forma como essas mulheres percebiam ou identificavam as suas sexualidades. Esta forma de entender as relações e as suas afirmações, provocou estranhamentos e discussões dentro do próprio movimento de afirmação homossexual. Para a autora, havia uma carência da pluralidade das formas de se apreender as diversas realidades de indivíduos que não consideravam as relações homoeróticas como definidoras de suas identidades, justificando inclusive que tais declarações eram

consideradas limitadoras. Por fim, relataram os estigmas sofridos por quem erguiam tais bandeiras, que esses sentimentos seriam fontes de medo e de abertura para preconceitos, restando a busca por estratégias de anonimato e a consciência da falta de solidariedade com os movimentos de afirmação homossexual.

O trabalho do antropólogo Trindade (2003) retratou o período em que a epidemia da AIDS invade as vidas individuais e sociais dos portadores do vírus. Um trabalho sensível, que aborda os medos diante de tais transformações. Nessa ocasião, os homossexuais tornaram-se alvos de violência e discriminação, acometidos como os propagadores de uma doença mortal e, ao mesmo tempo, a insegurança de contrair a enfermidade. A partir daí, surge uma nova intervenção do estado e da sociedade, pois os homossexuais eram vistos como um perigo de propagação. Para Trindade (2013, p.300), “alguns homens saíram à busca de alternativas de sociabilidade mais seguras, distantes da violência daquelas ruas. As novas casas noturnas, que foram surgindo em outros pontos da cidade, passaram a receber os homossexuais de classe média em condições de pagar para utilizar suas dependências”.

A TONTURA

Tontura, em Teresina, se enquadra nos estudos antropológicos da pegação, em que homens procuram por sexo na madrugada, designadamente em ruas específicas no centro da cidade, em seus carros ou dispersos nas calçadas. Estes encontros sexuais são, em grande parte, sexo coletivo. O estudo de Oliveira e Nascimento (2015, p.46) pontua que podemos ver a pegação como “um termo polissêmico. Pode dizer muito e simultaneamente nada. É, para todos os fins, um código. Pode-se chamar de pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também se pode chamar assim o local em que essas relações acontecem”

Para (Perlongher, 1987, p. 157) a “paquera” homossexual constitui-se, no fundamental, de estratégias para procura de parceiros sexuais, adaptada as condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais. Parker, em sua tese de mestrado intitulada “Abaixo do equador” (2002), aborda uma parte das mudanças complexas que parecem estar ocorrendo na organização sexual da homossexualidade.

O desenvolvimento das relações sociais relativamente impessoais e anônimas em ambientes mais urbanizados durante o século XX fez com que o espaço complexo da cidade se tornasse cada mais erotizado ou sexualizado. As ruas, praças, parques e outros lugares das cidades se tornaram-se palco para contatos homoeróticos relativamente impessoais – interações e aventuras sexuais que certamente seriam impensáveis em um cenário íntimo ou de menor escala. É através dessas aventuras homoeróticas, através dos atos contínuos de paquerar e pegar, dos olhares e seduções, o espaço supostamente neutro da vida diária começou a ser questionado, pelo menos momentaneamente abrindo a possibilidade de construção de uma paisagem sexual muito diferente (PARKER, 2002, p. 89-90).

Para Oliveira e Nascimento (2015, p. 46) pegação “se referem a jogos sinuosos de insinuação e provocação que se estabelecem entre sujeitos que dominam ou se aventuram através de olhares, movimentos e convites – por vezes pouco objetivos”.

Inicialmente, podemos perceber a Tontura como *pegação* - permeação de jogos de sedução e investimentos de estratégias para conquista do gozo. Participantes emaranham-se em contatos com outros homens, em trocas simbólicas e na negociação de códigos pré-estabelecidos. No entanto, Tontura não se limita as ações realizadas, acredito que exista diversas complexidades do início ao fim da experiência. Algo particular desta pesquisa é a não heterogeneidade dos personagens, pois, habitualmente, estes personagens são classificados em diferentes atores que atuam de formas distintas. Asseguro que, embora exista relações sexuais entre homens, estes rechaçam, em sua maioria, a ideia que sejam gays ou que o ambiente se enquadre em tal classificação. “Somos homens que gostam de homens”. Homem foi a única categoria relada pelos sujeitos entrevistados.

Ao contemplar de modo superficial a Tontura, podemos levar a duas conceptualizações generificadas: 1) Tontura seria o ato de devagar, repetidas vezes e de modo semelhante no espaço delimitado para tais atividades. 2) Tontura como lugar. De antemão, afirmo que não aprecio nenhuma. Compreendo que às duas são formas iniciais e pouco profundas, a qual pretendo problematizar.

Exponho a forma mais respeitável que acredito que podemos refletir o campo, não como processos de identidades fixas ou do pensamento metafísico ocidental. Creio que este objeto de pesquisa possa ser percebido na forma de território e de seus processos de subjetivação. Devemos procurar rizomas e linhas de fuga para encontrar reflexões profundas calcadas nas territorialidades.

Em uma perspectiva clássica, território pode ser definido como um espaço devidamente delimitado e passível de determinadas significações sociais, atribuições identitárias e relações de poder, ou seja, nos depararmos com a forma território-Estado e a sua caracterização geográfica, política e cultural. Nessa linha de pensamento, que se fundamenta a partir de alguns autores da Geografia, território seria algo fortemente ligado a um espaço físico: as pessoas estão no e pertencem ao território e, ao mesmo tempo, elas os produzem. (SARAIVA, 2012, p. 4)

Saraiva (2012, p.24) realiza uma análise da obra *“Negócio de Michê”* de Perlongher. Para o autor, Perlongher absorve as ideias propostas por Deleuze e Guattari, afirmando que “não é o indivíduo que está no território, mas o território é que está no indivíduo”, pois, independentemente, esse corpo estaria fragmentado em sua vida pessoal, mas carrega consigo um código território.

Creio que a Tontura se encontre na discussão do território, permeado por indivíduos que compartilham momentaneamente interesses comuns. Sendo assim, o território impõe códigos para a confluência de interesses entre os desejados. O sexo não se concretiza antes de uma análise primeira do desejo em relação ao interessado. Aqui, tanto a produção do lugar, como das práticas, necessita de uma agência do sujeito. O desejo surge como algo criativo, resultados dos processos de desterritorialização e reterritorialização.

Indivíduos atravessados de um tédio social e padrões morais, permeiam aquelas ruas em busca da saciedade dos seus desejos. Contudo, este desejo pode ser confrontado pelas interdições sociais, devendo transgredir tais leis para experimentar de fato a experiência da transgressão. Com relação aos julgamentos, alguns discursos desenham a Tontura como algo sujo e imoral, que nega as normas de saúde pública. Entretanto, emolduramos a Tontura como um ponto de fuga criativo, experiência

produzida pelos indivíduos para darem vazão aos seus desejos e a novas experiências.

A territorialidade é assim pensada em termos de um “código-território”, que atualiza uma lógica peculiar de distribuição de atribuições categoriais a corpos e desejos em movimento, estipulando a fixação a um gênero, uma postura, uma aparência, uma gestualidade, uma discursividade, uma corporalidade – tatuagens e outras marcas corporais, tipificação da indumentária, modelização de tiques, trejeitos e gestuais –, que operam como indícios de um desempenho sexual esperado ou proclamado segundo os critérios de seleção e valorização de parceiros do mercado homoerótico masculino (SIMÕES, 2008, p. 539).

Assim, para Simões (2008, p. 539) territorialidades seriam “mais do que representações ou projetos: dizem respeito às mobilizações e deslocamentos espaciais e categorias, bem como à materialidade de corpos e partes de corpos ressaltados e valorizados, incluindo os próprios lugares que esses corpos percorrem e dos quais auferem parte de sua legibilidade”. Este pensamento, acende espaço para falarmos das noções de Deleuze e Guattari – ‘desterritorialização’ e ‘reterritorialização’. Simões (2008, p.539), descreve esses termos simultaneamente como os “afastamentos em relação às sociabilidades respeitáveis, moralmente reconhecidas, e a aproximações aos códigos do “submundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmo que esta é uma pesquisa ainda em construção. Sendo assim, essa reflexão é o conjunto de tessituras que permeiam as análises momentâneas de minha dissertação de mestrado.

A trajetória da antropologia no Brasil tem sido importante espaço de reflexão sobre a interação do antropólogo em campo, na possibilidade de ser parte integrante do próprio grupo estudado. Sendo assim, ser do grupo e viver as práticas é uma das formas de conhecer e aprofundar os níveis de interpretação e descrição.

Tontura, até o presente andamento, é caracterizada como um território sempre em construção, em que se reafirma e se renova a cada encontro e em cada experiência. Tontura não se

encaixa apenas em um lugar de pegação, mas se adapta as reflexões territoriais de Deleuze e Guatarri.

Um território que permite diversas interações e distintas formas de consumo das ruas e do corpo, propiciando a afinação de diversas subjetividades que se aglutinam em um momento específico e compartilham de interesses em comuns. Uma espécie de acordo, arraigados de códigos-território.

As harmonias dos desejos particulares é que forma a chave para os engates sexuais que ali se realizam. Tontura é a sequência de processos e fluxos, acarretando estratégias específicas de colocar seu corpo na experiência.

Tontura é possibilidade de explodir as normas rígidas da sociedade do capital, de abrir caminhos as experiências autênticas e novas formas

criativas do desejo. Claro que as interdições permanecem e atuam nos atores envolvidos, mas existem as possibilidades de transgressão. Nesse caso, a transgressão seria vivenciar a experiência-tontura.

Experimentar das práticas é a própria manifestação do desejo. Tais práticas são uma forma de renovar as energias ou uma maneira de gastar as energias excedentes dos participantes.

REFERÊNCIAS

CARRARA, Sérgio, A antropologia e o processo de cidadanização da homossexualidade no Brasil. **Cadernos Pagu** (47), 2016.

FRY, Peter. **Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros**. In: FRY, Peter. Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982a, pp.54-86.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

HEILBORN, Maria Luiza. **Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social**. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria, (org). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996, pp.136-145.

OLIVEIRA, T. & Nascimento, S., Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa,

Sexualidad, Salud y Sociedad - **Revista Latinoamericana**, 2015, pp.44-66.

PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

SARAIVA, Marina Rebeca Oliveira, **Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea**, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis, O negócio do desejo. **Cadernos Pagu** (31), julho-dezembro de 2008:535-546.

TRINDADE, Ronaldo, Significados sociais as homossexualidades masculinas na era AIDS, **Cad. AEL**, v.10, n.18/19, 2003.

How to cite (ABNT)

SAMPAIO, José Ricardo Fortes; PAMPLONA, Rafael Brito. Performers, spaces and dizziness: anthropology in the study of LGBT's sexualities and cruising spaces. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 1, n. 1, p. 18-23, jan.-jun., 2018.